

APRESENTAÇÃO

Gênero, Mídia e Infância

Não há dúvidas de que as mídias têm cada vez mais um lugar de destaque no contexto das práticas sociais contemporâneas, constituindo identidades e tensionando novas sociabilidades. Nesse sentido, as mídias têm ativa e fortemente contribuído para a disseminação tanto de padrões como de questionamentos acerca dos papéis sociais e, em especial, das determinações de gênero. Diante da complexidade de um cenário que envolve tanto a massificação quanto a capilarização proporcionada pelas tecnologias comunicacionais em rede, pensar as questões de gênero requer desenvoltura e assertividade em relação aos modos de recepção, ressignificação, apropriação, resistência e transgressão das imagens disponíveis nas mídias.

O sentimento de incerteza diante desse quadro parece intensificado quando envolve crianças. Compreendendo as imagens de infância e de gênero como construções histórico-culturais, podemos notar a persistência nas mídias de algumas concepções hegemônicas a respeito do que é ser menino ou menina. É no diálogo com tais repertórios e apostando nas possibilidades de inovar em seus usos e reinvenções que vislumbramos a educação como grande protagonista na promoção de mudanças e de rompimento das hierarquias sociais. Tal ação estaria voltada primordialmente ao questionamento da hierarquização dos papéis sociais, à desnaturalização dos sexismos e das rígidas dicotomias de gênero, ao rompimento de visões preconceituosas a respeito do outro e da diferença e à ampliação e diversificação criativa dos modos de interagir, de coproduzir e de criar, por meio das novas linguagens midiáticas.

O presente dossiê reúne trabalhos e pesquisas que investigam a forma como a(s) infância(s) e as diferenças de gênero se evidenciam nas diferentes produções midiáticas para crianças, como filmes, vídeos, programas de TV, revistas, sites, blogs, videogames, HQs, CDs, entre outros e, em especial, no modo como repercutem socialmente a partir delas. Destacamos que a organicidade e a representatividade da proposta têm relação com seu processo colaborativo de elaboração: ao longo do ano de 2013, organizamos uma chamada nacional de trabalhos acadêmicos para apresentação no simpósio temático “Gênero, Mídia e Infância” no *X Seminário Internacional Fazendo Gênero*, que reuniu cerca de cinco mil participantes em setembro na Universidade Federal de Santa Catarina. Após o evento, as autoras dos trabalhos considerados mais originais,

consistentes e representativos da diversidade de temas e abordagens que constitui hoje nacionalmente esse campo específico foram convidadas a reelaborar seus artigos, tendo em vista esta publicação, a qual conta ainda com dois artigos internacionais, de autoras convidadas.

No horizonte do debate aqui proposto, está o entendimento de que a experiência da infância na contemporaneidade é amplamente perpassada pelo imaginário midiático globalizado, de onde saltam aos olhos o reforçamento das hierarquias e as estereotipias fundadas nas diferenças sexuais. Assim, o debate insere-se numa perspectiva interdisciplinar que incide sobre as possibilidades pelas quais a educação pode dialogar com e atender tal contexto cultural. Para tanto, o conjunto de artigos problematiza o próprio caráter das produções destinadas às crianças, bem como a forma como as categorias infância, gênero, etnia e classe são acionadas no interior desses discursos, a fim de ensaiar estratégias educacionais atentas e sintonizadas às realidades infantis.

Como produções midiáticas consideram-se tanto aquelas dirigidas ao grande público infantil, em grande parte produzidas por adultos, quanto as que de forma criativa têm emergido de contextos educativo-culturais formais ou informais. Estas últimas podem envolver a efetiva participação das crianças na composição de textos em múltiplas linguagens, num cenário propício aos agenciamentos promovidos pelas redes sociais. Em decorrência, nestes quadros se questionam: as heteronormatividades de gênero, as possibilidades de participação da criança num universo tradicionalmente comandado pelo adulto – com ênfase às problematizações intergeracionais –, além das determinantes consumistas e das possíveis ações voltadas à alfabetização e à popularização tecnológicas, fundamentais para caracterizar o protagonismo das produções midiáticas de/para/com crianças.

A partir de tais análises e das teorizações que as subsidiam, os artigos que compõem o presente dossiê debatem o modo como normatizações de gênero e de infância são figuradas e problematizadas nas produções midiáticas, as formas como são apropriadas e ressignificadas pelas crianças, bem como experiências e possibilidades educacionais voltadas a essas discussões.

O artigo *“Super-meninas em: o poder do rosa!?” Por uma compreensão das feminilidades infantis a partir dos estudos de mídia, gênero e infância*, de Juliane Di Paula Queiroz Odino, faz uma análise das representações de feminino na cultura midiática e nas brincadeiras infantis. A autora delinea um panorama rico e atualizado das

imagens contemporâneas do que é ser “uma menina” que são oferecidas às crianças pela mídia globalizada. O estereótipo da menina *super-poder-rosa*, por meio do qual ela sintetiza sua análise, mescla uma ideia de feminino mais forte e renovada a visões ainda bastantes conservadoras e sexistas, que acabam assim permeando o imaginário infantil e exigindo a intervenção crítica dos(as) educadores(as).

No artigo *O genderamento da infância através dos livros infantis: possíveis consequências em meninos e meninas*, de Andressa Botton e Marlene Neves Strey, as autoras realizam uma minuciosa análise de gênero de dez livros infantis premiados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). O objetivo foi perceber as relações de dominação masculina apresentadas nas representações estereotipadas das personagens, em sua maioria crianças. O estudo foi realizado por meio de análise de discurso e de imagem, neste último caso fazendo uso da semiótica. A pesquisa revela que predominam nessas histórias algumas práticas que endossam o antigo binarismo de gênero, onde a representação feminina aparece relegada à submissão e à fragilidade. Em sua conclusão, as autoras chamam a atenção para a importância da mediação no questionamento dessas estereotípias, bem como a exaltação das referências que rompem com tais padrões, contextualizando-as no movimento de transformação social e promoção da equidade.

Em *Cinema, transgressão e gênero: as infâncias de Baktay e Wadjda*, Adriana Alves Silva e Daniela Finco discutem cinema, gênero e infância, fazendo uso de teorias feministas, da sociologia da infância e da concepção do cinema como arte da memória. Assim, destacam os filmes “O sonho de Wadjda” (2013), da cineasta Haifal Mansour, e “Quando Budha desabou de vergonha” (2007), de Hana Makhmalbaf, por conta dos dilemas e encaminhamentos vividos pelas meninas protagonistas dos dois filmes, que incitam à transgressão e à resistência num contexto de extrema hostilidade, violência e opressão contra as mulheres e as crianças. Destacam a fantasia das personagens como elemento capaz de reinventar outras realidades, com temporalidades e lógicas próprias e inovadoras. Contribuem de forma original e inspiradora ao destacarem tais linhas de fuga como sinalizadoras de importantes mudanças na direção do rompimento das normatizações sociais e de gênero. O artigo nos convida para o questionamento dos lugares das infâncias, de meninas e meninos nas suas transgressões e resistências por meio da experiência cinematográfica e da possibilidade de formação estética e emancipatória.

No artigo *Lendo entrelinhas e rodapés: aspectos de gênero em pesquisas com crianças sobre as mídias*, Gilka Elvira Ponzi Girardello evidencia dados de pesquisas sobre mídia e infância que originalmente apareciam em meio às análises como elementos secundários, no contexto de obras produzidas entre 2000 e 2010 por pesquisadoras do Núcleo de Estudos Infância, Comunicação e Arte, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O artigo convida a um olhar atento às apropriações e produções de sentidos infantis presentes nos registros das pesquisas de campo, que problematizam a presença e manutenção de sexismos nos conteúdos midiáticos. O artigo também recupera autores do campo da mídia-educação, como Joseph Tobin e David Buckingham, destacando especificamente seus diálogos com os estudos de gênero, onde apontam para a negociação e o conflito por meio dos quais as crianças participam ativamente na construção de significados acerca de sua posição social, especialmente de gênero. Finalmente, a autora afirma a necessidade de os estudos de gênero ocuparem maior destaque nas pesquisas sobre mídia e infância, como forma de garantir os preceitos da mídia-educação com os quais o grupo se alinha: provisão, proteção e participação.

Em *“Meninas não desenham carros... mas tem meninas que desenham”*: culturas infantis, relações de gênero e histórias em quadrinhos, de Marta Regina Paulo da Silva, a discussão gira em torno das questões de gênero junto a crianças pequenas a partir das histórias em quadrinhos infantis, sendo estas constituintes do que a autora denomina cultura material da infância. A partir de um estudo realizado com meninos e meninas em uma escola de educação infantil situada no ABC Paulista, a autora notou que as crianças não só reproduzem estereótipos da cultura heteronormativa, mas transgridem as fronteiras de gênero, de modo a ir além das imagens midiáticas estereotipadas que lhes são apresentadas. Por meio de um olhar atento e sensível, fez-se uso da observação participante para compreender através de seus cotidianos como as crianças apropriam-se dos quadrinhos em suas práticas lúdicas, o que deles reproduzem, inventam ou reinventam. O artigo, a partir de seus relatos e análises, instiga pesquisadores(as) de culturas infantis a não somente observar as apropriações e reinvenções infantis, mas refletir, aprender e ensaiar possibilidades de transformação junto com elas.

No artigo *O game The Sims como catalisador da aprendizagem tecnológica de meninas*, Elisabeth Gee relata diversos projetos que desenvolveu usando games populares para promover a aprendizagem tecnológica das meninas, buscando favorecer o interesse delas por carreiras nos campos de ciência, tecnologia, engenharia e

matemática. A autora e pesquisadora da Arizona State University possui um trabalho pioneiro de ativismo acadêmico nesse sentido. A leitura do artigo é especialmente interessante porque foca o caso ilustrativo de uma adolescente que, a partir de seu envolvimento ativo com os games, viveu um processo de transformação identitária que revela a importância da atenção à cultura digital vivida pelos(as) jovens para uma educação voltada à igualdade de gênero.

Luciana Kornatzki e Isabel Chagas contribuem com o artigo *Histórias e Narrativas digitais na educação sexual da infância: possibilidades e limitações*, promovendo o debate acerca do uso das narrativas digitais como possibilidade pedagógica para a problematização de gênero e sexualidade com a infância. A partir de um levantamento bibliográfico dos cenários brasileiro e português, apresentam experiências e análises inovadoras em torno da temática. Destacam que a construção colaborativa de narrativas digitais será tanto mais bem sucedida, no sentido de romper com as barreiras de gênero e consolidar-se como prática emancipatória, quanto mais fizer uso de uma base consistente, atual e crítica, sistematizada em torno dos estudos de gênero e de educação sexual nas escolas.

O artigo *Quem conta um conto aumenta muito mais que um ponto: narrativa, produção de si e gênero na produção fílmica com crianças pequenas*, de Rita de Cácia Oenning da Silva, insere-se na linha de estudos que veem a produção criadora das crianças como forma de entender o mundo em que elas vivem e também como ação que modifica esse mundo. A autora analisa histórias narradas por crianças pequenas – versões de *Chapeuzinho Vermelho* – a partir de teorias antropológicas da performance e da performatividade, entendendo-as como atos de autoconstrução, especificamente em relação a gênero. O texto é inspirador também pela reflexão metodológica que propõe, em que a produção colaborativa de filmes com as crianças age como um disparador da criação narrativa. Nas narrativas das crianças, fica claro o quanto elas são capazes de experimentar e desafiar as convenções sociais, imaginando também outras histórias para si mesmas.

Integra ainda o dossiê, na Sessão Debate, o trabalho *Produção de filme de animação com e para crianças: os pensamentos podem virar arte*, de Constantina Xavier Filha. O texto relata um processo de criação colaborativa de filmes de animação com crianças de Mato Grosso do Sul, como forma de problematizar e desconstruir clichês de gênero, não só no produto final, mas também no convívio entre meninos e meninas ao longo de todas as etapas de produção. A autora dá especial atenção à produção de

subjetividade que ocorreu nas experiências, destacando o potencial da criação coletiva de filmes com crianças para uma educação igualitária em relação a gênero.

Esperamos que os(as) leitores(as) façam bom proveito do rico material aqui disponibilizado, sendo inspirados(as) e tocados(as) pelas experiências e pesquisas das autoras, no sentido de endossar o movimento de promoção de práticas mais igualitárias, livres, inovadoras e criativas em torno do rico campo de estudos de mídia, gênero e infância.

Gilka Elvira Ponzi Girardello
Juliane Di Paula Queiroz Odínino
Organizadoras